

Um estudo sobre a rua¹

Renata Thomaz Vieira Leite (PPGCIS/ PUC-Rio)

Palavras-chave: rua; sociabilidade; estudantes; Gávea; sociologia urbana.

Desde a década de 1960 o olhar sobre a rua se tornou mais presente no âmbito da sociologia urbana, estabelecendo novas perspectivas para o entendimento de noções tais como cidadania e direito à cidade (LEFEBVRE, 1968). Partindo desse referencial foi possível pensar a rua como um espaço privilegiado para observação da vida urbana contemporânea - com seus encontros, trocas, conflitos, sociabilidade, contingências e formação de grupos. O levantamento bibliográfico sobre a rua foi feito a partir de diferentes perspectivas disciplinares - ciências sociais, história, geografia e arquitetura - contemplando algumas obras que, metodologicamente, pareceram mais produtivas. Tem-se como objetivo principal deste trabalho apresentar uma investigação sobre a rua, desde a observação participante de estudantes do Ensino Médio em escolas públicas e privadas do bairro da Gávea e que transitam, cotidianamente, pela Marquês de São Vicente. A ênfase da pesquisa foi dada aos estudantes, seus percursos e principalmente à possibilidade de encontros entre os dois grupos, dos dois tipos de escolas - a pública e a privada. Os resultados apontaram para uma certa invisibilidade intergrupos. O trabalho que será apresentado, tenta reconstituir alguns aspectos da pesquisa, seus principais resultados, bem como uma apresentação detalhada do método empregado.

Introdução

Desde os anos de 1960 o olhar sobre a rua se tornou mais presente no âmbito da sociologia urbana, estabelecendo novas perspectivas para o entendimento de noções tais como cidadania e direito à cidade, a partir da circulação e uso que os atores fazem de um mesmo espaço (LEFEBVRE, 1968,2000). Partindo desse referencial foi possível pensar a rua como um espaço privilegiado para a observação da vida urbana contemporânea – com seus encontros, trocas, conflitos, sociabilidade, contingências e formação de grupos.

¹ Esta é uma versão reduzida da monografia apresentada como trabalho final da graduação em Ciências Sociais na PUC-Rio.

Partiu-se então, para um levantamento bibliográfico sobre a rua desde de diferentes perspectivas disciplinares – ciências sociais, história, geografia e arquitetura –, ainda que muitos estudos relevantes não tenham sido abordados. A seleção realizada contemplou algumas obras que, metodologicamente, pareceram mais produtivas. A primeira delas foi o livro de Michel de Certeau [1980,2018] voltado à observação das práticas que se desenvolvem na rua e à valorização do sujeito da ação. Tal perspectiva foi a base do projeto coordenado por Maria Alice Rezende de Carvalho (2017, 2020), que, embora reconhecendo a precedência e a relevância da antropologia brasileira no tratamento desse tema, considerou que a rua pode ser também um objeto de estudo da sociologia contemporânea.

Assim, a primeira parte do trabalho se dedica a apresentar alguns marcos bibliográficos, começando por Certeau (1980, 2018) e Carvalho (2018); revisitando, em seguida, a tradição antropológica brasileira com José Guilherme Cantor Magnani (2002); e, indicando os caminhos que geógrafos e historiadores têm trilhado em busca do entendimento da dinâmica da urbanização recente (DOMINGUES, 2010), dos processos de institucionalização das práticas urbanas (VIDAL, 2019) e da importância do tempo na conformação da cidade (CORDEIRO & VIDAL, 2008) – e não apenas do espaço.

A segunda parte responde ao desafio que consistiu na reconstrução dos conceitos elaborados por aqueles autores para atender um estudo sobre a sociabilidade de jovens estudantes que cursavam o Ensino Médio em escolas públicas e privadas do bairro da Gávea e que transitavam, cotidianamente, pela Rua Marquês de São Vicente. Tal pesquisa foi elaborada no âmbito de um projeto de iniciação científica e contou com o financiamento do CNPq. Seu relatório final foi apresentado no XXVII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio sob o título de "*Estudantes, rua e novas formas de socialização – uma experiência na Gávea*". A pesquisa dispôs de um estudo a respeito da história da Gávea e dos processos pelo qual o bairro passou até se tornar esse ambiente plural que o configura. Contou também com uma observação de tipo etnográfico da rua, dos estudantes, seus percursos e principalmente das possibilidades de encontros entre os grupos dos dois tipos de escola – a pública e a privada. Os resultados da pesquisa apontaram para uma certa invisibilidade intergrupos. Serão aqui reconstituídos alguns aspectos da pesquisa e seus principais resultados.

Finalmente, a terceira e última seção tem como objetivo apresentar a bibliografia a partir de uma perspectiva que permita o entendimento da rua como importante aliado para se pensar nas dinâmicas sociais. Na rua se reproduzem regras invisíveis que acabam por fabricar comportamentos específicos. Entender tais comportamentos é entender a nós mesmos.

A rua enquanto objeto de análise

A ideia de compreender a rua como lugar de produção da cidade foi proposta ao Grupo Gávea de Pesquisa por Maria Alice Rezende de Carvalho (2020), que definiu a Rua Marquês de São Vicente como objeto da nossa práxis. Entre os textos apresentados, o livro *A invenção do cotidiano - práticas de fazer*, de Michel de Certeau (1980) foi o que melhor pareceu atender às necessidades de pesquisa. O autor clarifica as práticas cotidianas entendendo-as como uma forma de potencializar o indivíduo ordinário que, segundo ele, tende a ficar embaçado nas sociedades tecnocráticas, em que prevalecem as ações sistêmicas. De acordo com Certeau, seria fundamental analisar as "maneiras de fazer" desses indivíduos, isto é, analisar de que modo as práticas dominantes, uma vez apropriadas por eles, são desenvolvidas e executadas de forma singular, no seu dia-a-dia. Tal execução é moldada por interesses e regras próprias, de que o autor pretende extrair seu sentido e suas formas de articulação. Para os objetivos da pesquisa, foi de grande relevância entender o sentido que o autor confere a uma caminhada, por exemplo, compreendendo-a como um movimento da cidade: o caminho, o trajeto percorrido, é um deslocamento da cidade.

Michel de Certeau aposta na superação da cidade-conceito, ou melhor, da ideia de uma cidade pautada pela racionalização do espaço e de um tempo único, que apaga resistências, tradições e histórias vividas em nome da facilitação de processos gestionários e de controle de um suposto sujeito universal. Para ele a vida urbana se desenrola em um tempo próprio, que não corresponde àquele da cidade-conceito, uma vez que se apresenta em movimentações desarmônicas que se ajustam entre si. Daí a proposta de observá-las a partir de práticas que sobrevivem sob o modelo urbano imposto, se tornando estáveis. São práticas disseminadas nas ruas, nas caminhadas, e que podem ser compreendidas desde que o observador se dispça de conceitos formatados (CERTEAU, 2018).

O presente trabalho foi também muito ajudado com a publicação do artigo *Crepúsculo da Ouvidor*, de Maria Alice Rezende de Carvalho (2019), na coletânea organizada por Adrián Gorelik e Fernanda Areas Peixoto (2019), intitulada *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. Na apresentação do livro, os autores afirmam que a proposta da obra é discutir um processo de mão dupla, que toma a cultura como produto e, ao mesmo tempo, como produtora da urbanidade. E, em entrevista posterior à publicação, Peixoto (2020) deixa claro que o livro opera com um significado antropológico de cultura, isto é, que não se restringe à cultura letrada.

O ensaio de Carvalho (2019) destaca exatamente a fricção, o contato entre a cidade das letras (RAMA, 1984), representada pelo cronista e romancista Joaquim Manuel de Macedo, e a cidade movida por escravos de ganho, negros alforriados, vendeiros, piratas, artesãos e ciganos que trafegavam intensamente pela capital do império português, principalmente na Rua do Ouvidor. Era ali que, segundo a autora, a cidade se instituía; exatamente ali, na interseção da cidade letrada com a iletrada; na rua onde intelectuais e artistas se misturavam à multidão e buscavam conferir um “sentido integrador” à heterogeneidade social e cultural que se exibía naquela via.

Essa foi, segundo a autora, a missão auto atribuída dos românticos brasileiros sob o Império: transformar aquela multidão em um Povo (VIRNO, 2014), o que faz com que, em *Memórias da Rua do Ouvidor*, Joaquim Manuel de Macedo sublinhe as muitas dimensões da fricção naquele espaço – física, afetiva, econômica, política, conspirativa, intelectual e cívica. A rua do Ouvidor, portanto, foi um ambiente em que se travaram dramáticas disputas materiais e simbólicas durante o Império. E ao final do século XIX, quando a cultura imperial foi derrotada, a velha Rua do Ouvidor, símbolo da integração popular, foi substituída pela Avenida Central, novo eixo urbano, frequentado por burgueses ricos e inspirada, segundo Olavo Bilac, nas mudanças urbanísticas de Buenos Aires.

Assim, o texto de Carvalho (2019) desvela o conflito entre duas ruas, duas materializações de mundos possíveis, dois personagens da disputa entre caminhos diversos de modernização. E a vitória no plano material e urbanístico da Avenida Central não apagou completamente os rastros, as lutas e as memórias da Ouvidor. Como diz Certeau, a nova rua, saudada como embrião da nova cidade, não imprimiu um tempo único para os atores urbanos, não apagou completamente as resistências, tradições e histórias vividas; não baniu completamente a memória popular. Assim, os dois textos combinados, de Certeau e Carvalho, conformaram um consistente escopo teórico-metodológico para a pesquisa sobre os estudantes na Gávea.

No âmbito dos estudos antropológicos, José Guilherme Cantor Magnani (2002) destaca a relevância da etnografia para os estudos da cidade – uma vez que a considera um estudo “*de perto e de dentro*”, a contrapelo do que normalmente fazem políticos, economistas, arquitetos e mesmo cientistas sociais, que conferem às cidades um tratamento “*de longe e de fora*”. Magnani argumenta que o entendimento da vida social pela perspectiva dos habitantes da cidade amplia o olhar sobre ela. Tal argumento se baseia na ideia de que espaços sociais produzem comportamentos e estilos de vida próprios por conta da diversidade de grupos étnicos, culturais, políticos, entre outros. Assim, a proposta da etnografia urbana

permite a observação de grupos, arranjos e trajetos que materializam a vida do indivíduo comum na cidade.

Magnani aposta na totalidade como pressuposto, uma totalidade no sentido de comunidade, na qual os membros se conhecem, se cruzam e estabelecem trocas interpessoais. Segundo o autor, é importante pensar também na totalidade em múltiplas escalas, no sentido de não se prender aos limites de um estudo de caso. O autor afirma que para perceber essa dinâmica é preciso não situar o foco nem em grandes estruturas físicas, econômicas ou institucionais e nem no das escolhas individuais, mas sim, nos planos intermediários onde se possa especificar padrões e regularidades, distinguindo algumas categorias de análises específicas. Para ele, a forma de viver das cidades contemporâneas trouxe novos arranjos envolvendo espaço público, trocas e sociabilidade. Sua proposta vai no sentido de trazer outras chaves de análise que não inviabilizem esses movimentos. A contribuição da etnografia urbana a partir do entendimento dos espaços de convivência e circuitos estabelecidos pelo cidadão ordinário, segundo o autor, seria o pontapé inicial para a proposta de um olhar "de perto e de dentro" dessas dinâmicas. A contribuição da tradição antropológica é pródiga em estudos da rua como possibilidade de observar valores presentes na sociedade brasileira pela viabilidade de observar o movimento desses valores em ato.

Álvaro Domingues, geógrafo e professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, em Portugal, em entrevista publicada no site do CENTRAL – Núcleo de Estudos e Projetos da Cidade (PUC-Rio, 2019), se diz um investigador do cotidiano, percorrendo ruas sempre com o olhar atento às variedades e às novidades que o espaço produz e sua obra. *A Rua da Estrada* surgiu dessas observações. Domingues descreve a metamorfose da urbanização contemporânea, afirmando que polaridades conceituais e a dicotomia *cidade vs campo*, vão sendo canceladas, à medida que rural e urbano deixam de ser adjetivos com conotações opostas. Segundo o autor, há, hoje, uma extensão descontínua do território urbanizado, fazendo com que a cidade não se traduza mais em um adensamento de pessoas vivendo em um espaço delimitado, pois seus nexos com as atividades agrícolas e o entorno rural são evidentes. Nesse sentido, não haveria uma polaridade entre a cultura urbana e moderna, e a cultura folk, embebida de costumes e tradições rurais.

Domingues aposta em uma noção de urbano que não é estável e muito menos confinado a um único padrão. E a Rua da Estrada, logradouro da cidade do Porto, expõe exemplarmente essa perspectiva relacional, que se cumpre no movimento e no fluxo. A diversidade de padrões construtivos e de funcionalidades na Rua da Estrada é visível através das casas, restaurantes, lojas, fábricas, vitrines, além de uma multiplicidade de sinais de

trânsito, anúncios e referências ao longo da via. O autor afirma que "*a Rua da Estrada é como um centro em linha, uma corda onde tudo se pendura; uma estrada-mercado*" (IDEM: 62).

A Rua da Estrada traz consigo a ideia de fluxo, de movimento e de um contínuo entre distintas culturas e formas de viver. A contribuição de Álvaro Domingues ao trabalho consiste na possibilidade de dissolver dicotomias tão frequentes nos estudos urbanos brasileiros, como, por exemplo, a que opõe favela e asfalto.

A Rua – Espaço, Tempo, Sociabilidade é uma coletânea organizada por pesquisadores do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (CORDEIRO & VIDAL, 2008), cujo principal objetivo consiste em analisar a rua e os indivíduos em circulação. A proposta dos organizadores do livro buscou reunir diferentes campos de estudo e distintos temas de análise, aproximados pela ideia de observar a interação entre os agentes sociais e os usos que conferem às ruas.

Na apresentação que fazem da coletânea, Graça Índias Cordeiro e Frédéric Vidal afirmam que a centralidade que conferem a esse objeto – a rua – pretende se opor à ideia de tê-lo como um objeto definido a priori, como uma instituição pronta e acabada, sem levar em conta sua permanente transformação (CORDEIRO & VIDAL, 2008: 9). Para eles é fundamental entender o sentido que as interações cotidianas assumem, e o melhor posto de observação para isso seria a rua. Sua proposta, portanto, consiste em pensar a rua "*como lugar onde se fabricam interações, onde se produz sociedade, a rua que tantas vezes se inventa para além do enquadramento urbanístico que envolve ...*" (IDEM: 10).

Esta seção destacou alguns textos importantes buscando construir uma noção de rua a partir do movimento cotidiano de atores selecionados. Aqui, as teorias da estruturação estão implícitas, pois a pesquisa apresentada a seguir não deixa de observar as classes sociais, seus códigos e valores. Mas empresta maior ênfase às definições dos grupos em situação. A seção seguinte contempla uma pesquisa que tentou fazer com que essas teorias – da estruturação e da interação – dialogassem entre si e emprestassem maior qualidade à análise dos grupos selecionados.

Uma observação da rua

Esta seção propõe apresentar a pesquisa *Estudantes, rua e novas formas de socialização* realizada no âmbito do Programa de Iniciação Científica – PIBIC, da PUC-Rio, com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Ela conheceu uma primeira versão em meados 2019, por ocasião do Seminário PIBIC da PUC-Rio, tendo sido agraciada com prêmio destaque de iniciação científica realizado no ano 2018-2019 na área de Ciências Sociais.

A pesquisa se manteve circunscrita à Rua Marquês de São Vicente e a dois grupos de estudantes de Ensino Médio que trafegam diariamente por ela. O objetivo primordial consistiu em compreender as interações que ali acontecem e a disposição dos atores naquele espaço. A hipótese considerada foi a de que a rua era um ambiente de informação, de integração dos grupos em face do usufruto de equipamentos públicos, de construção de companheirismo e de solidariedade entre aqueles jovens, e que observá-la de forma sistemática revelaria algumas práticas recorrentes e padrões de sociabilidade.

O trabalho seguiu, então, em duas direções. A primeira levou em conta a ideia de Certeau (2018) e Carvalho (2019) quanto à possibilidade de uma definição mais experiencial da rua. Nesse sentido, a rua deixa de ser tomada na sua estrita materialidade e passa a incorporar os sentidos e temporalidades dos atores que nela transitam.

A segunda direção assumida pela pesquisa, foi a de conhecer as significações ordinárias que os estudantes elaboram em relação a rua: como a encaram, como definem seus percursos e traduzem tudo isso na relação que mantém com o observador – alguém que os investiga na sua rotina como transeuntes. Há, pois, uma superposição de representações: a de quem caminha, a do “outro” encontrado, a do “outro” reflexivo. Tais representações são mediadas pelas dimensões que esses transeuntes carregam consigo desde seus universos morais – suas emoções e valores.

O campo de pesquisa, como já descrito, foi uma rua na Gávea. O substantivo rua dispensa apresentações. Numa rápida busca pelo *Google* a definição que se encontra é a de “*via pública urbana, geralmente ladeada de casas, prédios, muros ou jardins*”. A rua abordada nesta pesquisa é uma via moderna, ladeada de prédios, mas também um artefato com muitos outros elementos, percebidos em situação. Está localizada em um bairro de classe média alta, na zona sul do Rio de Janeiro, e em toda a sua extensão existem equipamentos culturais, artísticos e científicos de grande relevo para a cidade. No bairro atravessado por ela estão presentes seis escolas privadas de Ensino Fundamental e Médio, seis escolas públicas municipais de Ensino Fundamental e 1 escola pública de Ensino Médio da rede estadual. Esse contexto sugere uma massiva circulação de estudantes de diferentes procedências sociais. Além de ser a principal rua do bairro, é um importante acesso à maior favela do Brasil.

Se, de um lado, os jovens que frequentam as escolas públicas daquela área são, em sua maioria, moradores da favela, de outro, o corpo discente das escolas privadas é composto

por estudantes que fazem parte da elite econômica carioca. Embora o mundo da internet tenha criado uma certa referência comum de bens e produtos almeçados, é fácil perceber que por essa rua circulam jovens com acesso muito diferenciado ao consumo e com hábitos e comportamentos bastante distintos.

Através da observação da representação cartográfica foi possível perceber que a escola privada está localizada na parte alta, próxima às conhecidas mansões do bairro, mas também de um dos acessos à favela. Assim, três quilômetros acima da escola, o cenário muda completamente: o espaço das mansões dá lugar a uma grande aglomeração de casas sobrepostas, vielas, becos e grande densidade demográfica – a favela se impõe à cena.

Em contrapartida, a escola pública está localizada na parte baixa do bairro, vizinha ao comércio local e a um prestigiado shopping center da região. É pela parte baixa que se tem acesso aos demais bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro, onde vive grande parte dos estudantes da escola privada que, como disse, está situada na parte alta, no polo oposto. Em posições trocadas, seria fácil supor que tais grupos se cruzassem na rua nos horários de entrada ou de saída da escola. Mas não é isso que se observa.

1) Os estudantes de escola pública

Para quem mora na favela próxima à área pesquisada existem duas possibilidades de acesso à escola. Uma delas é a que atravessa o túnel Zuzu Angel, ligando a Zona Oeste à Zona Sul do Rio. Esse trajeto é o escolhido por quem vive nas áreas mais baixas da favela, próximas ao bairro de São Conrado. A outra possibilidade, mais presente neste trabalho, é o percurso pela Rua Marquês de São Vicente. Os usuários desse trajeto moram, em geral, na parte alta da favela, limítrofe ao bairro da Gávea, e têm na Rua Marquês de São Vicente um caminho mais rápido para chegarem às ruas 1 e 2 da favela.

O prédio da escola pública possui um grande hall de entrada, a que se tem acesso assim que se transpõe o portão. Esse hall é, portanto, uma espécie de espaço intermediário entre a rua e a escola. Diversas vezes, em horários distintos, o hall estava repleto de estudantes que não entravam em suas respectivas salas de aula. O fato é que esse hall é um lugar de encontro, trocas e conversas. O lado de fora da escola tem grande circulação de carros e pouco fluxo de pedestres; é um lugar sem atrativos, que não convida à conversa, ao relaxamento ou à paquera, como costuma ocorrer nas portas de escolas. Não existe comércio nem praça próximos, o que faz com que os jovens não percam muito tempo por ali. De modo que não é comum ver os alunos, em grupos, estacionados no portão da escola. A sociabilidade acontece no hall e é levada, em um curto trajeto, até o ponto de ônibus.

As caminhadas e as conversas com os estudantes da escola pública renderam a percepção de duas dinâmicas distintas. Uma parte dos jovens estabelece uma relação instrumental com os lugares e pessoas que compõem seu trajeto. Para esses, o bairro e a rua nada mais são do que o caminho até a escola. Alguns deles não souberam sequer identificar a rua pelo seu nome, tendo no shopping center a sua única referência. Tal fato ficou mais claro a partir do trabalho cartográfico também realizado com eles. Os que não pertencem a esse grupo, reconhecem a rua, se localizam bem nela e a conectam aos locais de trabalho de seus familiares.

O caminhar dos estudantes raramente é solitário. Quando indagados se no seu trajeto habitual (casa-escola-casa) encontram outros estudantes, rapidamente respondem que sim. Mas o que há de interessante a ser registrado, é o fato de que estudantes de escolas públicas mencionam encontros com estudantes de *outras* escolas públicas. Encontros com estudantes de escola privada só são mencionados quando indagados especificamente sobre isso. Mesmo assim, os jovens de escolas públicas ressaltam que os dois grupos não se encontram muito e que quando isso se dá, o encontro "*não conta*". O "não conta" traz consigo uma conotação de negação ao grupo da escola privada. É como se eles não compartilhassem a identidade de um *nós-estudantes* que une os alunos das escolas públicas de diferentes idades.

O ponto de ônibus próximo da escola foi um bom lugar de observação. As filas para acesso aos ônibus e às vans fazem dele um espaço de muita fricção e troca interpessoal. A calçada é larga o que permite uma grande concentração de corpos; e o tempo de espera favorece a interação. Por volta do meio-dia, as filas estão repletas de estudantes: além dos secundaristas, há também muitas crianças, com suas mochilas e uniformes da rede municipal do Rio. Todos se dispõem em grupos e é comum a interação entre grupos de estudantes secundaristas e os mais jovens. No ponto de ônibus existe também um pequeno comércio de balas, doces e guloseimas que, normalmente, é cercado pelos jovens. Não foram identificados nesse ponto de ônibus a presença de estudantes secundaristas da escola privada e, portanto, não é possível falar da interação entre eles. Não é raro ver babás com crianças mais jovens a caminho da escola privada, mas esse não é o público preferencial daquele espaço.

As representações dos estudantes da escola pública sobre a rua, sobre os trajetos e sobre os encontros foram melhor compreendidas mediante a atividade cartográfica realizada com eles. Ela foi feita em sala de aula, com a autorização das autoridades escolares, e consistiu em apresentar aos estudantes um mapa do entorno da escola, acompanhado de algumas perguntas sobre o trajeto casa-escola-casa. A atividade proposta permitiu confirmar e melhor entender algumas dinâmicas da interação dos jovens estudantes de escola pública

com a rua. As similaridades nas respostas apontam recorrências no comportamento desses estudantes, e uma possibilidade de entendimento de dinâmicas da cidade a partir deles.

A grande maioria dos estudantes respondeu que faz o trajeto acompanhado de colegas da escola, e aponta a própria escola como um local de encontro e diversão. Novamente foram poucas as menções ao encontro com estudantes das escolas privadas presentes no bairro. O shopping center foi eleito por alguns dos alunos como um local de diversão e de encontro, mas com menor frequência que a escola. Surpreende o fato de que alguns alunos tenham mencionado as instalações de uma universidade do bairro como um lugar no qual se sentem ameaçados; e que para uma parte ainda maior dos entrevistados a ameaça esteja em todo o mapa. À solicitação “*Marque no mapa com um quadrado um lugar onde você se sente ameaçado*”, os estudantes responderam desenhando um quadrado que abrangia toda a folha de papel. A conclusão imediata é a de um profundo sentimento de desamparo e desproteção no bairro ou, quem sabe, na cidade. Para uma conclusão mais precisa seriam necessárias outras perguntas que não puderam ser feitas.

Em relação às atividades executadas no bairro, a maior parte mencionou esportes, tais como basquete, futebol, bicicleta. Uma parcela significativa de estudantes respondeu a essa questão mencionando situações ligadas à alimentação. Eles citaram o shopping, uma sorveteria que fica em frente ao shopping e a padaria próxima a escola. Alguns alunos não responderam a essa questão e outros escreveram que não fazem coisa alguma no bairro, além de irem à escola. Os locais apontados como lugares de encontro com outros estudantes foram áreas próximas a distintas escolas públicas, o shopping, e na própria favela. Os círculos solicitados para identificação dos encontros com outros jovens foram feitos em torno do túnel que liga a zona oeste e a zona sul do Rio de Janeiro e em torno da área que conecta a favela com a rua Marquês de São Vicente. Como o mapa oferecido a eles não incluía a favela, imagina-se que, quando os entrevistados assinalaram a área limítrofe entre a favela e a rua, estavam apontando seu lugar de moradia como o de encontro com outros jovens. É importante mencionar que, na maioria das vezes, os locais de encontro eram também pontos de diversão.

2) Os estudantes de escola privada

A escola privada escolhida está situada numa área em que não há uma estação de metrô, e, por isso, quando a opção desses estudantes é pelo transporte público, normalmente o fazem de ônibus ou ainda, de ônibus e metrô. Porém, essa não é, quantitativamente, a principal fatia daquele conjunto. De qualquer modo, é mais difícil avaliar o percurso daqueles

estudantes, pois o grupo de estudantes secundaristas da escola privada não usa uniforme e, o fato de existir nas proximidades uma grande universidade privada do Rio de Janeiro, mistura essas duas populações e inviabiliza uma percepção mais acurada do montante de secundaristas na rua.

A análise das dinâmicas estabelecidas pelos jovens da escola privada foi feita mediante uma observação menos controlada, pois em nenhum momento tivemos acesso ao interior da escola. A primeira diferença está na porta da escola. Há um funcionário responsável pelo fluxo de carros e organização do movimento em frente ao prédio. Nos horários de entrada e de saída, o fluxo de carros é intenso, e a concentração de pais e responsáveis, também. O estabelecimento trabalha com outros segmentos escolares e, por isso, é comum a presença de pessoas encarregadas de deixar e buscar crianças mais novas na escola. O ambiente é provido de um banco, frequentemente lotado, e por uma barraquinha de pipoca. Esses dois elementos fazem da porta da escola privada um ambiente menos hostil do que o da escola pública.

Ali não é raro avistar alunos solitários ou em duplas, procurando pelo responsável ou pela condução que o levará diretamente para casa. A atenção não está no colega, mas no transporte de que fará uso. É grande a preocupação com os carros que estacionam ou que estão passando por perto da porta da escola. Em conversas com esses jovens ficou claro que essa dinâmica se deve ao fato de que muitos deles retornam às suas residências fazendo uso de carros de aplicativos, o que exige atenção à placa e ao motorista.

Outra peculiaridade relativa aos estudantes da escola privada diz respeito ao fato de que alguns desses jovens saem da escola, procuram por algo ou alguém na rua, e, logo em seguida, retornam ao interior do prédio. Essa prática foi esclarecida a partir de uma conversa informal, em que mencionaram o fato de que a escola oferece turno integral para grande parte dos secundaristas, que saem na hora do almoço à porta para buscar suas refeições solicitadas por aplicativos de entrega de comida. O fato é que, diferente da porta da escola pública, onde os estudantes saem em grupos que conversam e interagem entre si, dando menor importância ao fluxo de carros, na escola privada, os jovens saem quase sempre sozinhos ou em duplas, com foco nos seus aparelhos celulares, e buscando ou pelo veículo que o levará ao seu destino, ou pelo motoqueiro responsável por trazer seu alimento. O tipo de interação observado na porta de cada uma das escolas é bastante distinto, apresentando, cada uma delas, uma dinâmica específica.

A conversa informal com os estudantes da escola privada não rendeu tanto quanto rendeu com o outro grupo. Não tivemos oportunidade de caminhar junto a eles e de conversar

descontraidamente. As perguntas feitas foram respondidas, mas de forma mais reticente, sem muita troca. Os estudantes da escola privada caminham pouco pela rua. Normalmente o transporte vem até eles fazendo com que permaneçam pouco tempo no espaço da rua e pouco suscetíveis às interações e imprevistos. Quando perguntados sobre os encontros com outros estudantes na rua, novamente surpreendeu que os secundaristas citassem apenas jovens de outras escolas privadas. Quando incitados a falar sobre o encontro com estudantes de escolas públicas, a resposta era positiva, mas sem muita convicção.

No ponto de ônibus localizado próximo a essa escola, é comum a presença de outros públicos além dos estudantes. Chama a atenção o fato de que, algumas vezes, os ônibus que vinham da favela com os estudantes da escola pública do turno da tarde eram dispensados pelos estudantes da escola privada. Indagados sobre a escolha do ônibus seguinte, muitos deles responderam que preferiam esperar por um mais vazio. Pôde-se constatar que o ônibus que chegara lotado era procedente da favela, e o ônibus que chegou mais tarde iniciava o seu percurso em um ponto anterior, na mesma rua. Tal fato corrobora a ideia de que existem dinâmicas de distanciamento entre os grupos de jovens que compartilham a mesma identidade numa rua da cidade e, eventualmente, dependem ou fazem uso de um mesmo tipo de transporte.

Infelizmente, a atividade cartográfica não foi realizada com os estudantes da escola privada. A escola não liberou a entrada para pesquisa durante o segundo semestre de 2019, e a predisposição de refazer a solicitação à escola no primeiro semestre de 2020 foi tolhida pela pandemia do Coronavírus.

3) E os encontros?

Os trajetos apontam dinâmicas bem distintas entre si. Se, para a maioria dos estudantes da escola privada, sair da escola é um ato funcional dedicado ao encontro do transporte que o levará de volta à casa, para os alunos da escola pública ganhar a rua representa a continuação da sociabilidade empreendida na escola. A caminhada da escola até o ponto de ônibus sugere uma apropriação da rua enquanto espaço de relacionamento e troca.

A observação das portas das escolas, deixou evidente que equipamentos públicos como um banco, por exemplo, ou a presença de um comércio, mesmo que informal, pode fazer daquele espaço um lugar mais gentil e atraente. Outro aspecto observado diz respeito à utilização de carros de aplicativos para o deslocamento de jovens. A realidade virtual e a preocupação frequente com a violência das grandes cidades impuseram essa questão aos pais de estudantes que podem pagar por esse serviço. Essa dinâmica poderia ser aperfeiçoada pela

própria escola, mediante a elaboração de um aplicativo de caronas, por exemplo. Tal instrumento aliviaria o trânsito na porta da escola, e, sobretudo, poderia promover, potencialmente, mais encontros entre os estudantes.

A atenção dispensada para linhas de ônibus e mesmo para os pontos de ônibus trouxe o tema recorrente do transporte público. Uma melhor distribuição entre essas linhas poderia proporcionar maior interação entre jovens durante um trajeto determinado. Se o bairro é um lugar com forte presença de escolas e conseqüentemente, de estudantes, por que não pensar em uma linha exclusiva para esse público? Ou equipar melhor os pontos de ônibus?

Enfim, os usos e as representações que os estudantes de escola pública fazem da rua são diversos, mas é interessante perceber afinidades nas respostas desses jovens. O fato de os lugares de diversão estarem ligados aos lugares de encontro com outros jovens mostra a relevância da escola para a sociabilidade juvenil. O que faz pensar sobre os equipamentos que dentro e fora dos estabelecimentos de ensino poderiam propiciar maior proteção, bem-estar e práticas interativas para esses jovens.

Há, contudo, um tema que merece muita atenção. Trata-se da constatação da invisibilidade que rege as relações entre os grupos de estudantes da escola pública e os da escola privada. Que instituições além da rua, ou auxiliares dela, poderiam mediar e fomentar esses encontros?

Considerações finais

Como estender a sociabilidade que resulta de uma vivência comum, de uma história compartilhada, de práticas comunitárias, a um “outro” de que não se tem referências? Tal indagação tem frequentado, por séculos, os tratados urbanísticos, desde a Itália renascentista, com Leon Battista Alberti (1404-1472), até a formalização que mereceu na chamada Escola de Chicago, no início do século XX. A questão pode parecer remota, mas se impõe ao debate contemporâneo, na medida em que sugere que o próprio ambiente urbano atua ou pode atuar como facilitador da interação entre “estranhos”.

A rua é o lugar onde se produz sociabilidade, mesmo entre agentes que nunca se viram. Quem caminha traz consigo expectativas acerca do “outro”, daquele que é avistado – expectativas que tanto podem ser de aproximação, quanto de repulsa; que podem ser reiteradas ou modificadas por muitos fatores, inclusive pelas características do lugar e do percurso. A rua, portanto, pode sugerir riscos ou apenas a imprevisibilidade inerente à vida urbana.

A rua observada é cenário de jovens estudantes, que todos os dias frequentam escolas localizadas ali. A rua traduz a desigualdade existente na sociedade brasileira, pois contém dois modelos de escola radicalmente diferentes e a serviço de públicos igualmente muito distintos. Contudo, o que melhor caracteriza a distância social dos dois grupos é a relação que cada um deles mantém com a própria rua: em um caso, se verificam a dependência dos estudantes a carros particulares, a mobilidade restrita ao portão da escola, a individualidade preservada mediante a utilização de aplicativos para alimentação ou transporte, a rua tornada simplesmente uma via de acesso a um prédio determinado. Não há nenhum atrativo humano, material ou simbólico que os estudantes da parte alta da rua atribuam a ela.

Na outra ponta, os estudantes ocupam coletivamente o espaço da rua. Deixando o hall de entrada da sua escola, não há permanência no portão de entrada. Todo o movimento dos alunos se organiza ao longo de seu trajeto até o ponto de ônibus. Uma marcha em grupo. O espaço da rua para eles é, portanto, *um espaço de uso – “uso pleno e inteiro desses momentos [de caminhada] e locais”* (LEFEBVRE, 2006).

São grupos mutuamente invisíveis que, mesmo quando possuem uma identidade circunstancial comum – a de estudantes – não são capazes de lançar pontes para qualquer tipo de ação conjunta. Na verdade, a rua não os aproxima, pois apenas um dos grupos transita nela a pé. A combinação de Metrô e ciclovia, por exemplo, talvez pudesse favorecer o contato dos jovens de classe média alta com a rua e, por extensão, com o outro grupo de jovens. Mobilidade, aliás, é um dos vetores do desenvolvimento urbano porque remete exatamente à ideia de deslocamentos, com todas as consequências decorrentes disso, uma delas a ampliação de conexões sociais variadas. Ou seja, mobilidade está diretamente associada a formas mais amáveis de interação social e de usufruto de um ambiente urbano democrático que favorece trocas e intercâmbios cooperativos.

Autores que se destacaram na reflexão sobre as cidades brasileiras, como Maurício Abreu e Milton Santos, isto é, autores cujas obras demarcaram o próprio campo de estudos urbanos no país, descrevem os efeitos da renda e do poder na ocupação do solo e marginalização espacial das categorias sociais de baixa renda. Essa é uma marca da sociologia urbana no Brasil, que o presente trabalho não desconhece ou contesta. Contudo, apenas o registro estrutural das diferenças entre os habitantes da cidade, que coloca ricos e pobres em situação polarizada, não favorece uma imaginação que conceba lugares e momentos de troca não utilitária.

As ruas em que circulam ricos e pobres estão em toda parte, assim como escolas de ricos e escolas de pobres. Mas, quais seriam as ruas que reuniriam as melhores condições

para encontros? O que fazer para ampliar essa oferta de lugares potencializadores de coesão social? Enfim, a rua como um espaço em que múltiplas vivências se cruzam, pode ser também o lugar de composição de formas mais cooperativas de existência. Isso foi o que se pretendeu discutir com este trabalho.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. A miséria do mundo. 9ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. 747p.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano – Artes de fazer. 22ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. 319p.
- CARVALHO, M.A.R. Mapeamento sócio-técnico e cultural do bairro da Gávea e adjacências. Projeto apresentado à FAPERJ, com vistas à obtenção de uma bolsa de Pesquisador convidado, 2017.
- _____. Crepúsculo da Ouvidor. In: GORELIK, A. & PEIXOTO, F.A. (Orgs.) *Cidades Sul-americanas como Arenas Culturais*. São Paulo: Ed. SESC, 2019. pp. 25-36.
- _____. A produção de cidades: ruas, percursos e práticas. Relatório da pesquisa Mapeamento sócio técnico e cultural do bairro da Gávea e adjacências, Rio de Janeiro, 2020, *mimeo*.
- CORDEIRO, G.I. & VIDAL, F. (Orgs.) A rua. Espaço, tempo, sociabilidade. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. 174p.
- DOMINGUES, A. A rua da estrada. *Cidades - Comunidades e Territórios*, nº 20/21, p. 59-67, dez.2010. Disponível em file:///Users/renatathomaz/Downloads/9329-Article%20Text-26155-1-10-20160502%20(1).pdf. Acesso em 26 mai 2020.
- _____. Entrevista com Álvaro Domingues. Entrevista concedida ao grupo de pesquisa Inquérito Portugal, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio. Rio de Janeiro, nov. 2017. Disponível em <<http://www.central.ccs.puc-rio.br/wp-content/uploads/2019/11/Entrevista-com-%C3%81lvaro-Domingues-Central.pdf>>. Acesso em: 26 mai 2020.
- ILUSTRÍSSIMA CONVERSA: Arte é tanto produto quanto produtora das grandes cidades, diz antropóloga. Entrevistador: Walter Porto. Entrevistada: Fernanda Arêas Peixoto. São Paulo: Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/12/arte-e-tanto-produto-quanto-produtora-de-cidades-diz-antropologa.shtml>>. Acesso em 08 jun 2020.
- LEFEBVRE, H. O direito à cidade. 4ªed. São Paulo: Centauro Editora, 2006. 145p.

- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana, publicado originalmente na Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, n. 49, p. 11-29 - São Paulo, junho de 2002.
- JACOBS, J. Morte e vida das grandes cidades. 3ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 510p.
- Park, R.E. A cidade - sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano. In VALLADARES, L.P. (org.) A sociologia urbana de Robert E. Park. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2017. 154p.
- RAMA, A. A cidade das letras. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, [2015(1984)].160p.
- SENNETT, R. Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. 2ªed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2013. 377p.
- _____. Construir e Habitar - ética para uma cidade aberta. 1ªed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2108. 377 p.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In VELHO, O.G. (org.) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p.11- 25.
- VIDAL, F. Entrevista com Frédéric Vidal. Entrevista concedida a Nicolau Pessanha Gomes. Lisboa, jan. 2019. Disponível em:
<<http://www.central.ccs.puc-rio.br/wp-content/uploads/2019/08/Entrevista-Frederic-Vidal.pdf>
>. Acesso em: 05 jul 2020.